

As múltiplas vozes do PEUS

A pandemia a uma voz

Alcino Silva Aluno

Subitamente, mergulhamos num país de sombras, num cerco que se aperta em torno do corpo e da alma. Subitamente, sem rosto, instalou-se, sem olhar a fronteiras nem a povos e amedrontou-nos mesmo sem o vermos e sem o podermos olhar e quando o percebemos, assentou no interior dos nossos sentimentos e emoções, adulterando a vida, mergulhando de braços estendidos no que muitos acreditávamos ser a melhor vida de sempre e outros a felicidade nunca vista, cheia de crescimentos e de bens sempre tão necessários quanto supérfluos. Com os poderes de um senhor divinal, move-se por entre as fileiras dos que agora aguardam silenciosamente a entrada nos supermercados e aceitam sem queixume todas as proibições que vão chegando e se oferecem para deixar os sonhos suspensos. O futuro curvou-se sobre todos e encerrados em casa, olhamos quase atônitos o vento que corre no exterior. Enquanto os aviões baixam as asas já não alimentamos o pensamento para além da esquina mais próxima. Tudo parecia infinito até ao momento em que o porvir nos entrou pelo cérebro dentro e escureceu o olhar. Aguardamos, tentando inventar a vida que ontem não imaginávamos existir. A realidade superou a ficção. Acordo com o ladrar dos cães. Os olhos abrem-se doridos e adormecem de novo. Quando saímos para a rua, há uma serenidade plena. Um carro passa como algo invulgar. Como não circulam automóveis nem pessoas, podemos olhar toda a extensão das artérias e parece que as árvores que as ladeiam nunca tinham existido. Na rua principal, a serenidade é substituída pelo silêncio. A serenidade, sentimo-la, o silêncio escutámo-lo. Por aqui já um nadinha mais de movimento, os automóveis deixam um rasto de ruído a que já não estamos habituados. Passa um de cada vez. Só quando o somido de um se apaga, outro recomeça. No centro há mais gente e mais veículos e no Café só duas pessoas nos aguardam. Prosseguimos a marcha para a loja das raspadinhas, dos lápis e papéis que também entrega o correio. Aguardamos no exterior, em fila distanciada, sem que alguém ordene ou se queixe, como se há muito assim acontecesse. Descemos até à avenida do porto, o movimento automóvel aumenta, mas

nada como há uma semana atrás. Vivemos agora num país diferente como se tivéssemos esquecido o outro. O autocarro surge em marcha muito moderada, dez minutos antes do horário. Pode-se escolher o lugar e as janelas superiores estão abertas para que o ar circule. Em casa, procura-se entretenimento, com o jardim, com as árvores, na companhia dos cães, alegados por uma presença tão constante. As necessidades dividem-se em duas, as físicas e as psicológicas. A nossa saga prossegue e já lá vai mais de um mês. Um murro na testa que levamos atordoou-nos para dias sem fim. Começam a aparecer as saudades de uma boa francesinha, um cachorro no Gazela ou das tripas na Taverna Santo António e não sabemos quando o nosso apetite poderá ser saciado. Entretanto, a chuva apertou ainda mais o cerco, reduzindo o espaço onde poderíamos respirar mais fundo. Dizem-nos que apareceu uma luz ao fundo do túnel, mas este é o mais longo das nossas vidas. Dizem-nos que estamos no planalto e que será longa esta travessia até que o caminho se incline para a descida. Mas pensarmos em planalto, leva-nos a meditar sobre a Mourela, nesse tecto que mais parece uma planície com o traçado curvilíneo e quase fantasioso da estrada, rodeada pelos pequenos outeiros que se erguem afastados das margens e no seu percurso, soam quase em sonância mágica os instrumentos de Savall contando-nos a história do Mediterrâneo, mas a Mourela é apenas um espaço de passagem para um outro planalto, noutra latitude que nos projecta da Fonte Fria para o cume da Nevosa que se ergue ao longe, num tempo quase infinito, apelativo e desafiador. E leva-nos também, sobretudo na Primavera, nesses dias de Maio em que as urzes se erguem rebeldes numa profusão de cores, fazendo diluir o caminho em esconderijos que temos de descobrir e oferecendo ao olhar essa beleza que extasia gerando em nós a alegria da poesia de Saramago, *“das crinas dos cavalos, do mar da vida toda”*. Estes são os planaltos que desejamos se alonguem, se alastrem por um tempo infinito. Mas este planalto de que agora nos falamos é pleno de dor, de uma mágoa de lágrimas, de encerramentos monacais, mas sem os claustros com as suas fontes de água límpida e corrente que nos permitiriam a reflexão, e sem as sólidas abóbadas góticas que nos protegeriam. Sentimo-nos desamparados nesta travessia de um deserto silencioso anunciador de uma tempestade quase perfeita que se avizinha. Aguardamos neste teste que parece decidir o futuro. Desde aquele extraordinário dia em que do fundo do nada surgiu o senhor das trevas e das sombras e, o nosso

mundo, pleno de rotinas, lugares conhecidos, amigos sempre nos espaços necessários, uma vivência que sonhava eternidade mas se contentava com dias quase perfeitos, desabou para o interior das casas, de nós próprios e encerrou tudo o mais em redor. Foi o tempo das ruas vazias, dos temores, dos gritos que se escutavam nas madrugadas sem nome, em que cada um fugia do outro e de si próprio. Apagaram-se as luzes do tempo e os túneis passaram a lugares de abrigo. Como demorou o dia em que ansiosos espreitámos pela janela, procuramos com o olhar tudo o que antes conhecíamos e parecia que o pretérito se tinha evaporado. Em que estado físico estaria agora a vida que sempre conhecemos, as aldeias e vilas por onde tínhamos passado, as casas com flores nas janelas. Que mundo era este que se apresentava ao nosso olhar, era novo ou diferente? Como sabê-lo sem sair à rua. Foi então que caminhámos como as crianças, devagarinho, a medo, espreitando para o lado e para além, tentando descobrir o desconhecido, procurando as pessoas, mas sem que nos aproximássemos, falando à distância, escondendo o rosto e temendo em cada passo que dávamos. O Verão chegou, mais um Verão ou outro Verão era algo que ainda perguntávamos e não conhecíamos a resposta. A vontade e o desejo de acreditar que agora seria definitivo, que teríamos, não vencido, mas iludido o poder subtil e manhoso do infinitamente pequeno. Por fim conhecíamos os rostos que imagináramos daqueles que conhecemos com eles isolados, temendo a maldade insidiosa do que não víamos. E quando o tempo parecia cativar-nos com aquela doçura de serenidade intemporal, quando deslizávamos *naquela hora dos mágicos cantos*, numa dessas esquinas da vida que nos escondem o amanhã, um de nós partiu rumo à eternidade. A maldade que queríamos acreditar ter vencido, deixara pedras no caminho, também elas disfarçadas e sem visibilidade, mas lá estavam para nos surpreender. Como o *creation* da canção dos Moody Blues, a vida foi-se erguendo com a lentidão de uma pedra inerte agarrada a um penhasco e empurrou-nos para essa avalanche que é o quotidiano a tombar sobre a estrada que temos de percorrer. Ah, sim, o estudo da pandemia, pois o conhecimento só se alcança percepcionando a realidade.